

Acervo ISA MANCHETE - 42189
YARΦΦΦΦ4

Nesta segunda



AMAZÔNIA

O CHOQUE DO OURO

Reportagem de Miriam Malina ● Fotos de J. L. Bulcão



Em Roraima, no extremo da Amazônia, Louro, o Edono do garimpo da Chapona, mostra, ao lado do yanomami, o estopim da questão: o ouro. O metal mobiliza milhares de pessoas e pesados interesses, colocando em confronto a economia da região e a expectativa dos índios: o minério está no subsolo de áreas indígenas, onde mais de 50 mil garimpeiros desbarrancam a floresta em busca da riqueza. Em um ano e meio eles extraíram, clandestinamente, mais de 20 toneladas de ouro, o equivalente a mais de 400 milhões de cruzados novos. No final de 88, a Polícia Federal e a Funai expulsaram garimpeiros do Parque Nacional do pico da Neblina, no Amazonas, uma área indígena recentemente demarcada. Em contrapartida, muitos índios aprendem a garimpar e transitam por Boa Vista, negociando nas lojas que compram ouro. São os dois lados de uma mesma moeda, realidades opostas que se misturam num caldeirão prestes a explodir. MANCHETE documenta este choque econômico-cultural: ele é a razão primeira e maior do Projeto Calha Norte.

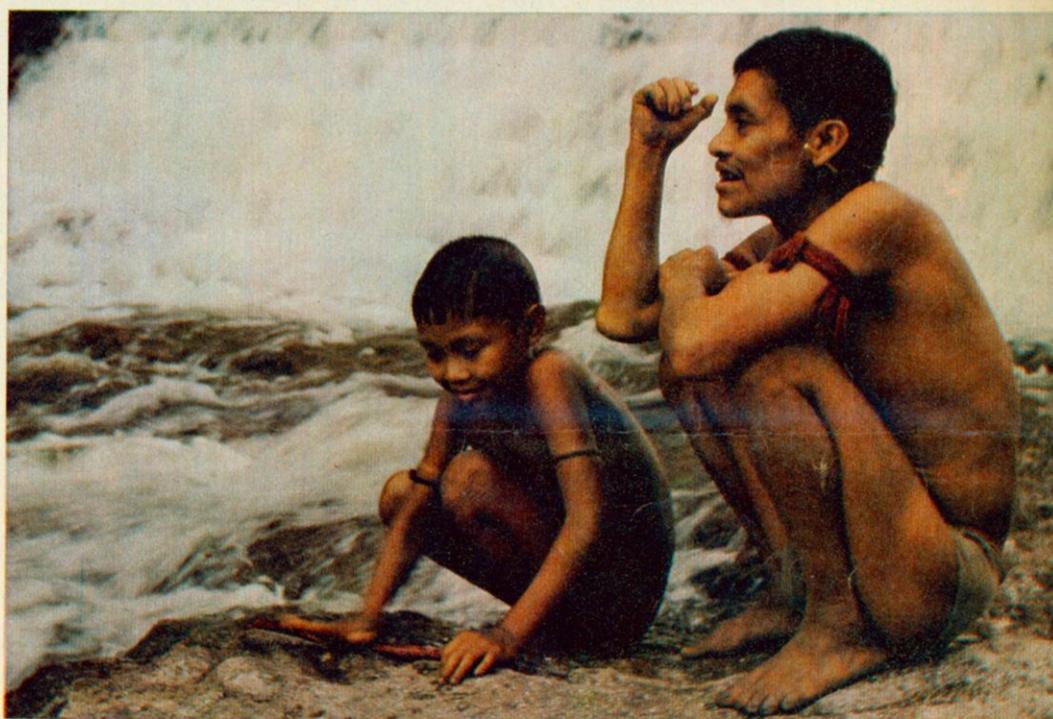


Em Auari, no ex-território de Roraima (passou a estado com a nova Constituição), os índios ainda comem os piolhos que catam. Em Surucucu, Rondônia, Sami e

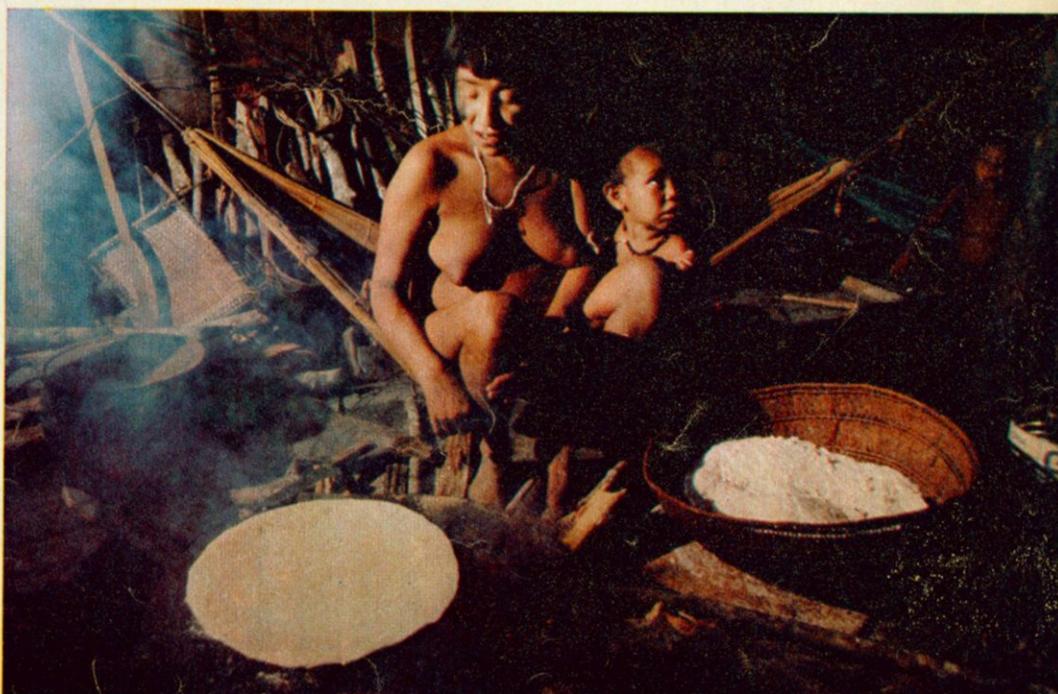
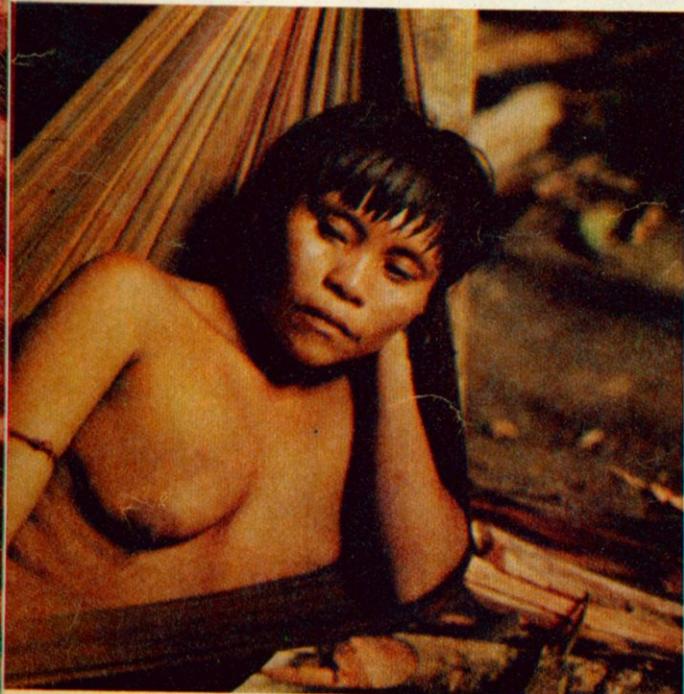


A aldeia yanomami fica distante uma hora de helicóptero do garimpo da Chapona. Ali, os índios vivem seus costumes mais primitivos. Na rede, a menina chupa o

**O BRILHO DO
OURO NÃO
OFUSCA OS
HÁBITOS DOS
YANOMAMIS:
ELES AINDA
RESISTEM À
OFENSIVA DA
CIVILIZAÇÃO**



seu irmão Grilo vivem próximos ao Batalhão Especial de Fronteira: o menino já usa camiseta cavada moderninha. No Igarapé da região, a índia lava sua tanga.



dedo e a mulher descansa. Um dos alimentos mais consumidos pelos índios é o beiju, feito de mandioca, que a mãe prepara enquanto cuida do seu filhinho.



BANDEIRANTE DO SÉCULO 20, O GARIMPEIRO É O NOVO SENHOR DA TRIBO...



COM DIREITO A MORDOMIA

Louro, dono do garimpo da Chapona, é bem recebido na aldeia yanomami, onde é chamado de *Tuxaua*. Para os índios, ele é o Grande Chefe: o homem que traz novidades, máquinas, comidas diferentes e dinheiro.



Utilizando jatos de água potente, os garimpeiros desbarrancam a terra dos índios, para extrair dali o ouro da região.

NA BUSCA DO OURO, O GARIMPEIRO NÃO RESPEITA O ÍNDIO NEM A TERRA: O VERDE É DEVASTADO



O ouro é uma realidade de mão dupla: jaz no subsolo das terras indígenas, que a rigor deveriam ser preservadas; mas seu valor no mercado é capaz de mudar a situação econômica nacional, daí sua procura cada vez maior.

Louro e Baiano, donos da pista Chapona e uns dos garimpeiros que têm intimidade com o universo yanomami, facilitaram o primeiro contato. As 7h, o Aeroporto Internacional de Boa Vista já fervilhava de papatamos (pequenos aviões), quando o monomotor com cinco pessoas, junto com mantimentos (ao todo 700 quilos), levantou voo em direção à terra dos yanomamis, a oeste. Leva-se 1h30min até chegar ao garimpo Chapona, atravessando-se uma área extensa de campos verdes, cortados por inúmeros igarapés e grandes poças de água. É o lavrado brasileiro, bastante diferente da fechada floresta amazônica, predominante abaixo da linha do equador. De repente, aquele rio maior; é o Mucajá, que

desemboca na Venezuela, e tem atraído milhares de garimpeiros às suas margens em busca do ouro. A partir daí, é só selva. Mas, lá embaixo, sob as copas das árvores, há um trânsito permanente e contínuo de índios e garimpeiros. E, vistos de dois mil metros de altitude, um número sempre maior de minúsculos campos de pouso, na maioria clandestinos, começa a rasgar a massa verde. Com perícia, o avião aterrissa no Chapona. De dentro da mata surgem vários índios que cercam Louro e Baiano, com intimidade. Alguns de tanga e outros de calção. Como pano de fundo, os barracões enfileirados desde a cabeceira da pista. São refeitórios, bares, armazéns, dormitórios. Há poucos garimpeiros: eles estão lá nas grotas, onde cada um tem sua miniestrutura. Até lá são horas e horas de caminhadas: os garimpeiros reclamam da marmelada, cobram mais leite em pó, exigem o lançamento antecipado de mais mantimentos. Cronometram tudo, desde a hora exata da chegada dos aviões até a necessária quantidade de alimentos, porque dentro da selva esses itens integram a lei da sobrevivência. E os índios? Riem, se achegam curiosos, entrelaçam suas mãos em nossas mãos, observando o material fotográfico. Para onde vamos, eles vão atrás. Sempre rindo, pendurados nos garimpeiros, que falam um pouco de yanomami (os índios não falam português, só entendem uma ou outra palavra). Depois, o helicóptero, antecipadamente solicitado ao Mineirinho, o terceiro sócio do Chapona — com grande poder de liderança por ser um dos precursores do garimpo em Roraima — nos leva para outras aldeias yanomamis.

SEGUE

Os desbravadores são os seis ou sete garimpeiros que vão na frente — ficam às vezes até seis meses na selva — para procurar o ouro. Quando o encontram, abrem uma clareira, onde são lançados viveres e mais outros 2 mil garimpeiros.



Na pista do garimpo da Cha





..., um retrato da fronteira: um *tuxaua* de uma das aldeias vizinhas, *Louro e Baiano* (donos do garimpo) e *Baixinho*, presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Roraima.



NAS ALDEIAS, A PRESENÇA DE MISSIONÁRIOS NÃO AFASTA AS TENTAÇÕES DO GARIMPO

Em algumas tribos, mais afastadas dos garimpos, o acesso só é possível por helicóptero. Os índios correm da ventania das hélices, para depois, em algazarra, ajudarem a abrir as portas do helicóptero. Eles apalpam, querem as roupas e quaisquer adereços que se carregue. E são tristes e indiferentes na despedida. Os que já foram atraídos para a proximidade das pistas clandestinas de garimpo não plantam mais como antigamente. Seduzidos pelos mantimentos industrializados, gravitam em torno dos acampamentos, onde recebem agrados. Eles até trabalham. Mas desaparecem, e voltam, inesperadamente: “Não podemos considerar o índio como mão-de-obra, eles não têm qualquer noção de horário ou organização do nosso tipo, são bons, como são boas as crianças”, comenta o garimpeiro Piauí, ao ser puxado pra lá e pra cá por Pedro, um yanomami maior do que ele. Piauí, como muitos, não chegou à região há um ano e meio atrás. Está lá há mais de 20, e diz: “Em todos os garimpos clandestinos é tudo a mesma coisa, com os índios atrás da gente pra brincar. Mas agora, feliz ou infelizmente, eles estão querendo ouro.”

“Esta história começou no final da década de 40”, conta Piauí, “quando o garimpeiro dispensava o ouro e preferia diamantes”. Era na serra de Tapequem e Suapí, ou na serra do Sol, que fazem fronteira com as Guianas e até hoje só têm extração de diamante. Depois houve o declínio em 70, e a grande preocupação passou a ser a cassiterita de Surucucu — uma das maiores reservas mundiais —, que em 78 teve uma exploração em larga escala. Tanto que a VASP tinha o voo comercial Boa Vista—



A aldeia de Maturacá, próxima ao pico da Neblina, no Amazonas, fica numa área indígena recentemente demarcada. Próximo a ela, o garimpo clandestino onde a polícia expulsou garimpeiros no fim do ano.

São Paulo, e a Líder Táxi Aéreo, cargueiro, de Boa Vista—Surucucu. Foi quando o governo federal fechou o garimpo, retirando de lá mais de 10 mil garimpeiros (muitos foram para a Venezuela, provocando um problema diplomático). Então os políticos começaram com os discursos eleitorais, prometiam abrir o garimpo a qualquer momento. Enquanto isso, muitos garimpeiros foram para Serra Pelada ou Alta Floresta. Em 83, foi uma confusão *danada*: garimpeiros transportados em 24 aviões invadiram Surucucu. O governo federal, depois de 20 dias de resistência, apreendeu os aviões e, novamente, expulsou todo mundo. Mas alguns continuaram a se aventurar a pé: seguindo o rio Mucajáí, em 25 a 30 dias se chega a Paapiú (ali, em 87 e 88, ocorreu a maior concentração de monomotores do país, cerca de 300 por dia, todos transportando ouro). Esse vaivém provocou uma pressão muito grande da Igreja e da Funai. Apesar disso, há pouco mais de um ano e meio, voltou-se a ter notícia da presença maciça de garimpeiros na região dos yanomamis.



Padre Carlos, missionário salesiano que vive na região há 40 anos, trabalha na missão yanomami há 12. Joaquim (camisa verde) é um dos *tuxauas* mais respeitados em toda a nação Yanomami. Líderes indígenas, como Júlio, também yanomami, viajam dias seguidos para se aconselhar com Joaquim.



Em janeiro de 1988, o Aeroporto Internacional de Boa Vista já comportava mais de 150 aviões parados na pista. Daí para cá, nunca mais parou de chegar gente. Na rodoviária é a mesma coisa: acomodadas precariamente em redes e barracas, centenas de garimpeiros esperam a hora de botar a mão no ouro. Diariamente quatro ônibus chegam a Manaus completamente lotados. Os pioneiros extraíram muito ouro, caso do Vando Velho, que em pouco tempo conseguiu coletar 120 quilos, investidos em casas e carros e esbanjando muito dinheiro. Para ele, a febre do ouro parecia interminável. Mas acabou. Em Roraima o que não faltam são histórias de riqueza rápida, fortunas da noite para o dia, enquanto a maioria continua enfrentando toda a sorte de adversidades, na esperança de bamburrar (encontrar ouro). E a cada dia continuam a chegar garimpeiros e aventureiros, em Boa Vista, para onde eles vão levar uma estrutura de apoio, com agências de viagens e uma grande quantidade de táxis aéreos. No aeroporto de Boa Vista, eles são mais de 200.

NA PISTA DO OURO, BOA VISTA É PONTO DE CENTENAS DE TÁXIS-AÉREOS

É uma explosão que Roraima não esperava. Os conflitos logo surgiram. A primeira providência da Funai foi retirar as missões religiosas da área. Mas deixaram os garimpeiros. Como resultado, a Igreja pressionou o governo federal através da CNBB. Oficialmente o governo não decidiu fechar o garimpo: "Isso aqui vai ferver, virar um caldeirão do diabo, principalmente se o governo se meter nos garimpos", diz Nilton Azevedo, maranhense que largou a *batéia* depois de juntar muito dinheiro. Agora, ele faz trabalhos paralelos para o garimpo, como contratações de aviões, lançamento de víveres, orientação a garimpeiro — uma espécie de assessoria independente.

Quando se fala em garimpo, é obrigatório citar José Peixoto, o *Baixinho*, Presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Roraima, há quase seis anos na região. Fechamento de garimpo para ele é coisa muito séria e social. Ele faz questão de dizer: "Não vou permitir fechar coisa alguma." Ameaça ir a Brasília falar com Sarney ou Ulysses Guimarães: "Que



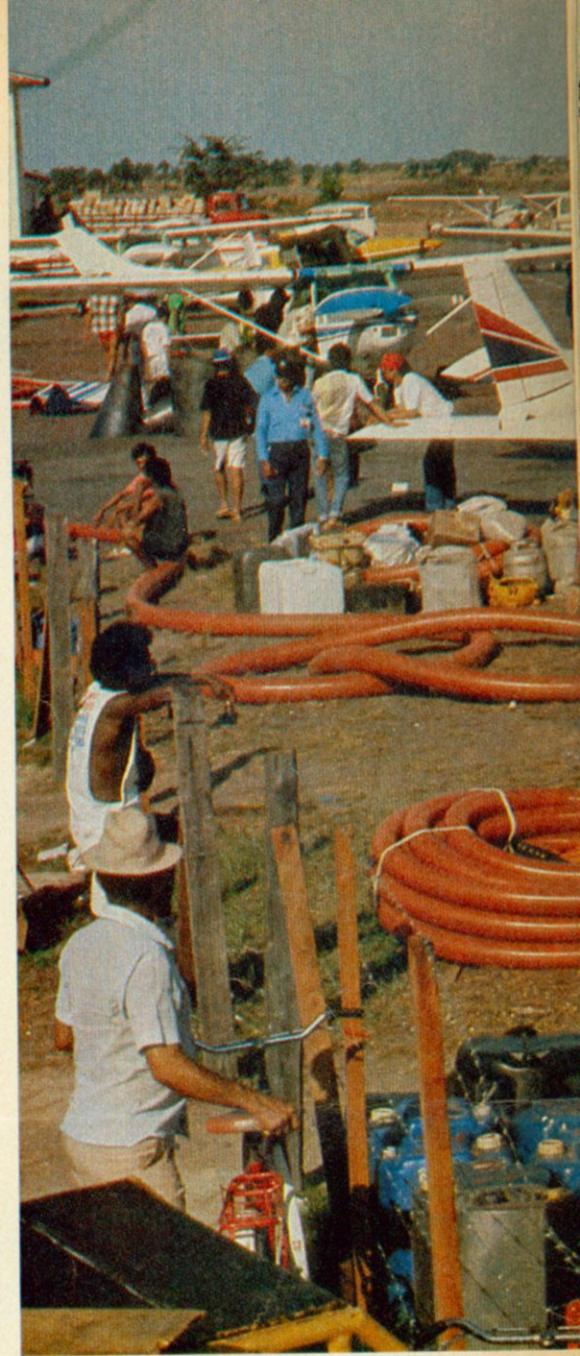
A Praça do Garimpeiro, no centro de Boa Vista, na capital de Roraima, tem um traçado privilegiado: todas as ruas levam os garimpeiros até lá.

é que o governo está pensando? Se a gente vai trabalhar na Venezuela, apanha; se vai para a Guiana, apanha também." Para *Baixinho*, os índios são muito explorados e manipulados. Ele acusa o bispo Dom Aldo Mongiano: "O bispo provoca índio e garimpeiro, porque índio não briga com ninguém e garimpeiro não é de brigar também. Mas é só o bispo e os padres se meterem, que as coisas se complicam." Também não poupa os evangélicos e denuncia a MEVA (Missão Evangélica da Amazônia), no Brasil há mais de 30 anos: "Tudo é americano (por parte da MEVA) e italiano (pela igreja católica)." Mas o grupo mais visado e criticado é o CCPY (Comissão Pró-Criação do Parque Yanomami), que os militares identificam como os interessados em preservar o isolamento dos yanomamis. A CCPY foi criada em 79, e a sua figura mais evidente é a fotógrafa Cláudia An-

dujar. Ela foi a Maturacá, perto do Pico da Neblina pela primeira vez em 1970. Voltou na fase da construção da Perimetral Norte, também como repórter-fotográfica. Sensibilizou-se tanto com o que viu ("principalmente o desaparecimento de dezenas de índios, mortos pelo contágio com os brancos"), que abandonou o jornalismo e formou a CCPY. Ela atuou na região até 87, quando foi retirada da área junto com três equipes de saúde com quem estava trabalhando na vacinação dos yanomamis: "Até hoje nunca foi justificado oficialmente porque fomos retirados." Andujar denuncia que agora os índios ficaram em minoria — yanomamis de arco e flecha vs. garimpeiros armados de revólveres, espingardas e facas: "Os índios se sentem impotentes em frente do que está acontecendo. Sofrem muito por causa da poluição dos rios. Tem aldeias querendo se deslocar porque não têm mais água para beber, os peixes morrendo e a caça fugindo. A malária é muito grande. Há muita corrupção, o que favorece a entrada dos garimpeiros nas áreas indígenas." Outro ameaçado é David Yanomami, um dos poucos que fala o português e se difere dos demais por ser muito forte. Ele, o segundo brasileiro a ganhar o prêmio global 500 do Bruma (o primeiro foi o seringueiro Chico Mendes), diz. "Entraram duas vezes. Recuaram da primeira porque eram muito poucos. Da segunda, uns 200. Índio ameaçado não sabia como reagir, mas felizmente os garimpeiros não encontraram ouro em Demini, e saíram, deixando como sempre tudo esburacado." Cláudia Andujar completa: "Tudo isso vai passar à história como um genocídio, sem provas."

Os missionários católicos e evangélicos que ficaram afastados da região yanomami por mais de um ano e meio impetraram um mandado de segurança, em Brasília. Em 18 de dezembro, ganharam uma liminar e agora estão todos voltando. Para Catrimani (yanomami), mais ao sul, maloca do Raposo (macuxi), maloca de Pium, Araçá, Guanabara (em Normandia), Maturacá e a região do rio Coitingo. Os evangélicos, para Auaris e Uaicás. Mas, para os garimpeiros, uma das áreas mais ricas em ouro é Catrimani e Mucajá, para onde os padres católicos começam a regressar. Além do Couto de Magalhães e da região do Parima, os garimpeiros inicialmente penetraram em Cambalacho e Paapiú, através dos *precursores*, que vão na frente por uns seis meses, acham ouro, abrem pistas, recebem os lançamentos de mantimentos e criam toda a infraestrutura de um garimpo, uma quase empresa. Atrás deles vão mil ou dois mil garimpeiros. A maioria trabalha como meia-praça, ou seja, consegue contato com alguém que financie avião e alimento antecipado. A transação é feita na base do ouro. Se acham um quilo, racham meio a meio; com o que sobra, o garimpeiro paga as despesas, faz compra, fica com pouca coisa e sempre acaba endividado. Dizem que isso varia de patrão para patrão. Alguns oferecem casa e comida, em troca só da meia-praça.

O grama de ouro é transacionado por cigarro, farinha, arroz. Quando o garimpeiro não *bamburra*, ele *blefa* (não acha nada). Como o empresário corre um risco, a seleção é muito rigorosa por parte daqueles que financiam. Muitos têm sorte. *Louro*, *Baiano* e *Mineirinho*, por exemplo, foram dos que chegaram primeiro na região. O que acharam não investiram em compra de imóveis ou carros, mas direto no garimpo. Resultado: Passaram para um outro patamar, comprando aviões, mon-



No aeroporto internacional de Boa Vista, os equipa-

tando agências de transporte, recrutando pessoal. Hoje, mais que garimpeiros, são executivos.

Os pilotos, na maioria, são empresários, vindos de Itaituba e Serra Pelada — uma grande família, todos se conhecem de lá. Tem salários de 8 a 10 milhões por mês, mas também podem receber em ouro. Que sobe diariamente, principalmente no mercado futuro. Como também tem garimpeiro que passa seis meses lá dentro e não consegue nada. Dos 50 mil, muitos estão desempregados, rondando de um lado para o outro de Boa Vista, atrás de trabalho. Hoje, a extração é menos manual, usa mais máquinas. Mas muitos trabalham só para se manter, comprar um rádio, relógio, óculos ou vir para a capital gastar à vontade nos prostíbulos. A maioria dos donos de garimpo fala em cooperativas como a solução mais viável. Mas, dizem, "existe uma pressão muito grande do poder econômico no sentido de breicar". Pagar impostos, com Caixa Econômica dentro do garimpo, seria menos ameaçador, acreditam. Eles querem estar dentro da lei e, por enquanto, é *olho por olho, dente por dente*. Como todos se conhecem, quem é mau garimpeiro é expulso da área. Se enrolar, der trambique, roubar e matar, *já era*. Dentro da lei do



mentos usados na extração do ouro, e os muitos aviões que saem das pistas dos garimpos clandestinos para transportar o minério rumo aos grandes centros.



garimpo, não há drogas, *por enquanto*, mas a Polícia Federal andou dando umas batidas há coisa de quatro meses. Agora, cachaça pura bebem, e muito, em Boa Vista — brigando na rua, fazendo tiroteios ou se matando (uma média de cinco por final de semana).

A febre do ouro continua. A construção civil está praticamente parada; todo mundo foi para o garimpo. Na PM, todo mês está havendo baixa, de órgãos públicos, estudantes e comerciantes, apesar de muitos terem morrido de malária no ano passado. Quando chegam lá dentro, a realidade é outra. As pistas de pouso, pequenas, de mais ou menos 300 metros, são abertas na enxada e machado. Médico autônomo não é bom negócio, porque doente lá dentro, sem produzir, não tem com que pagar. Cozinheira ganha em ouro, em gramas — com café, almoço, jantar. Elas trabalham próximas às pistas de pouso, entre florestas fechadas por árvores de mais de 30 metros. A extração do ouro fica sempre mais distante, 15 minutos a pé ou quatro dias de caminhada, através de centenas de picadas; é como se fosse um formigueiro. Quando ouvem *zoada* de avião, todo mundo se esconde. É sempre assim nas frentes de serviço, onde tiram o ouro de barrancos de 10 metros, ou mais, de altura.

ACERVO NÃO VALE-TUDO DO GARIMPO, DINHEIRO É REZA, E OURO FAZ MILAGRES

O barranco é derrubado por potentes jatos d'água, de qualquer igarapé próximo, ao mesmo tempo que outra bomba a motor retira, das grandes poças em formação, a terra misturada ao ouro, jogando-a para a *resumidora* (num plano mais elevado). Lá é que a terra molhada circula velozmente e o ouro é separado do cascalho, pela ação do mercúrio, quando se trata de extração mecanizada. O processo manual também acontece em área alagada, em beira de rio: desbarrancando a terra e lavando-se o cascalho na batéia (cuias grandes de ferro). Se o garimpeiro desconfia, no seco, que há ouro, aciona um motorzinho de bomba e faz uma poça à qual mistura uma solução de mercúrio. É a receita para encontrar o ouro. O verdadeiro garimpeiro, dizem, é melhor que geólogo; encontra o mineral pelo *faro*. No entanto, a maioria dos garimpos está se mecanizando. O número de *papatamos* (pequenos aviões) que saem do Aeroporto Internacional de Boa Vista carregados de mangueiras é grande. Atualmente, um metro de mangueira custa 120 cruzados novos. Ela é o instrumento de produção principal, junto com o motor.

O mercúrio, que atrai o ouro, separando-o do cascalho, é um dos nós da questão do extrativismo mineral. Pelo alto índice de poluição que provoca na terra e nos rios, cria, a curto, médio e longo prazos, um prejuízo incalculável ao ecossistema amazônico. Os garimpeiros denunciavam que o governo faz vista grossa, e João Orestes Scheneider, geólogo da CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais), do Ministério das Minas e Energia, observa: "A mineração brasileira tem sido colocada como ameaça ao ecossistema por interesses estrangeiros, mas o que existe são algumas contaminações localizadas de mercúrio, que podem ser controladas.

Ele pode ser utilizado, se quisermos, sem ser jogado no meio ambiente — através do sistema de *retorta*, um equipamento simples e barato, aplicado na Colômbia e outros países desde a década de 40."

São umas 300 lojas de compra de ouro em Boa Vista, que pagam em dinheiro vivo, garimpeiros que as superlotam e aguardam impacientes a vez, carregando sacolas de supermercados com o *produto final*. Nas lojinhas, o ouro é comprado a grama, pesado em balanças eletrônicas e depois queimado num forminho por maçarico a gás, dentro de uma cuia de ferro — derretido, é colocado em forminhas e vira barras. Na maioria das vezes, esse ouro é vendido sem nota fiscal, com os donos de lojas faturando de 10 a 15 quilos por mês sem pagar impostos. Em dezembro, um funcionário de uma empresa foi preso no Aeroporto de Boa Vista com 24 quilos de ouro, sem ter pago os 3% de imposto à Receita Federal, avaliados em 240 mil cruzados novos — a multa foi de 100%, quase 500 mil. A imprensa noticiou que a empresa preferiu levar o prejuízo do que ficar sob suspeição. O garimpeiro lá de *dentro*, ao contrário, emprega uma legalidade total no programa radiofônico *Mensageiro do Ar*: "Paraibinha, do garimpo Cambalacho, está enviando, pelo piloto José, meio quilo de ouro para sua mulher, na rua B, número 11, avisando que não manda mais porque não *bamburrou* muito."

O avião em Roraima é fundamental, apesar de muitos estarem com uma sobrecarga de ho-



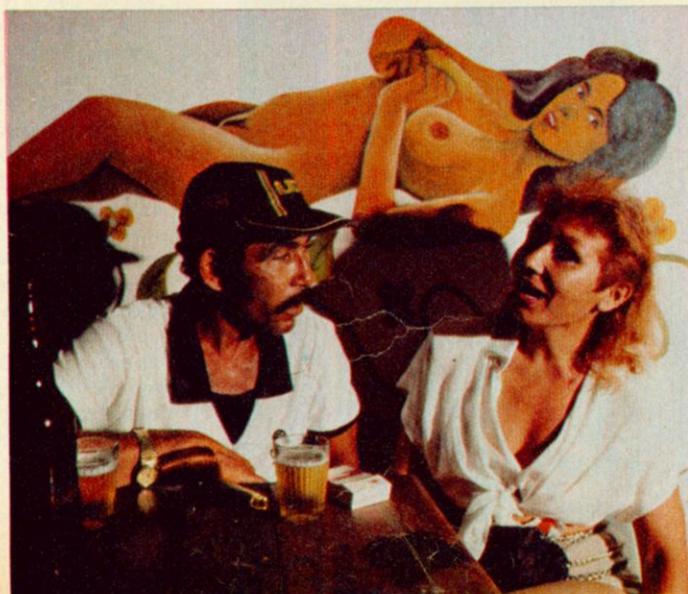
Nas lojas que compram ouro, em Boa Vista, o maior mo por maçarico a gás, para virar barra.

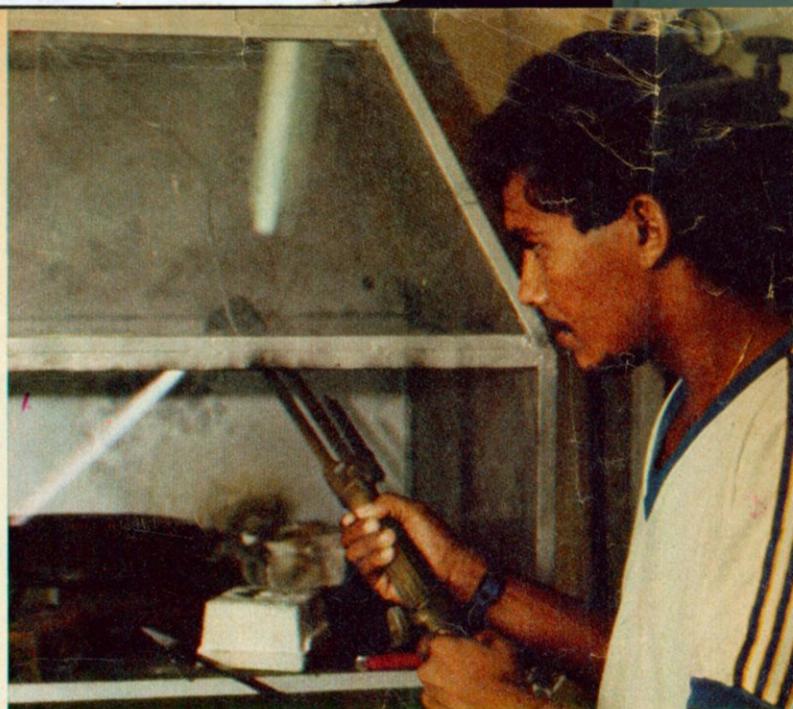
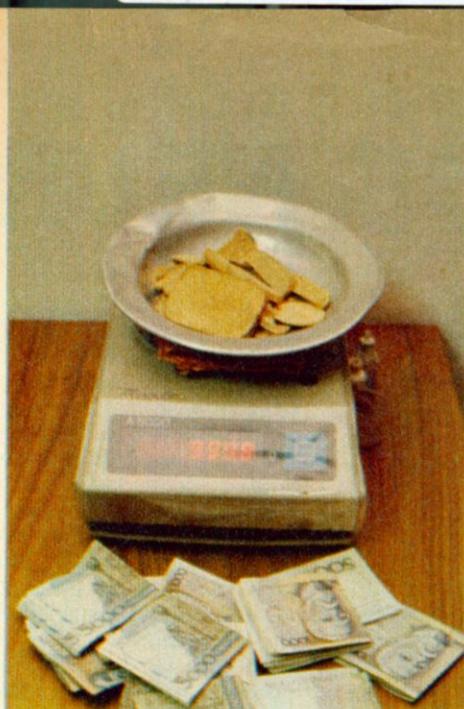
ras vencidas e sem revisão — só operam em pistas clandestinas, porque se *pintarem* em Boa Vista são apreendidos pelo Departamento de Aviação Civil. Mas nas condições normais os aviões (principalmente os monomotores) são grandes consumidores de *avgás* (combustível aeronáutico); gastam em média 80 litros por hora. São em torno de 1 milhão 440 mil litros gastos em Roraima, em um mês. Nada menos do que 7 mil 200 tambores, de 200 litros cada. Para abastecer os *papatamos* à noite (prontinhos para o dia de amanhã), que chegam obrigatoriamente antes das 18h carregados de garimpeiros: eles vão direto em *pick ups* para as ruas Araújo Filho, Benjamim Constant e Cecília Brasil, o centro nervoso da compra do ouro. Depois, invadem a praça do Centro Cívico, a praça do Garimpeiro, que é o eixo de toda a arquitetura viária de Boa Vista — todas as vias principais convergem para lá. À noite, Roraima é chamada de Las Vegas, pelo número de *boites* que se espalham pelos bairros da Liberdade e Buriti, onde a figura de *Vando Velho* faz parte do cenário.

O ponto de maior agito em Roraima, atualmente, são os nove quilômetros do rio Urariquera — lá se encontram 600 garimpeiros e 150 balsas, na base de quatro pessoas em cada uma — a cinco horas de barco, acima de Uaiacás. Na região, a presença do índio é uma constante. Como em Ericó, depois de sobrevoar os garimpos Surubai e Urutani, até pousar em Auaris, Paapiú, Surucucu, sempre bem próximos à fronteira da Venezuela, a ponto de divisa-la.

Qualquer avião que tenha frequência variável capta o que os pilotos de dezenas de *papatamos* dizem. Agora passamos pelas cachoeiras do Arromba, Querosene, Funil e o rio Couto do Magalhães, com o grande garimpo de Aracaça, o alto do rio Mucajá — e finalmente a fronteira da Venezuela até atingir o Pico da Neblina, o ponto mais alto do Brasil. Para qualquer brasileiro, uma visão indescritível. Emocionante. A caminho de Maturacá, distante cinco minutos de voô. Mesmo em terra, a beleza desafiadora do Pico é muito visível, a ponto de momentaneamente neutralizar o primeiro impacto da chegada nas aldeias dos yanomamis, chefiadas pelos *tuxauas* mais célebres de toda a nação, os irmãos de sangue

José Teixeira Peixoto, o *Baixinho*, presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Roraima, fica irritado quando se fala em acabar com o garimpo. E o ouro garante o movimento das boates locais.





...imento é depois das seis da tarde, quando chegam os aviões. O ouro é pesado em balanças eletrônicas, depois de queimado num fornhinho.

Joaquim e Daniel. Eles são também irmãos de Renato, o yanomami mais temido, o justiceiro legitimado pela comunidade de Maturacá e responsável pela autodefesa das duas aldeias. Com os garimpeiros que constantemente tentam se estabelecer na área indígena, nem a troca neutraliza a belicosidade.

Parte dos Yanomamis está em outro estágio de aculturação, pela proximidade de São Gabriel da Cachoeira (espécie de capital do Alto Rio Negro, no Amazonas) e um maior contato com antropólogos, médicos, indigenistas e o Padre Carlos, um missionário salesiano, medalha do pacificador, na região há 40 anos e 12 em Maturacá. São menos ingênuos que os Yanomamis isolados nas florestas de Roraima. Com a oligarquia dos *tuxauas* separada em duas aldeias, pela própria evolução comercial do ouro e pequenos atritos de comando, os Yanomamis convivem relativamente em paz com as lideranças de Joaquim e Daniel. Num regime patriarcal em que penetrou a lei do valor e a lei do mercado. Antes, a moeda de troca era a caça, adornos, enfeites e armas. Hoje, a única moeda é o ouro: o dinheiro não vale nada, como consumidores de equipamentos de som, da antena parabólica que está demorando a chegar, do amplificador para os bailezinhos e da bebida introduzida — apesar da luta do Padre Carlos, para que não haja guerra entre as duas aldeias. Como aquela havida, por uma simples partida de futebol, quando quase que se mataram, há um ano e meio.

O choque social em Maturacá, Maiá e Maruíá é visível. Essas três comunidades do Parque Nacional do Pico da Neblina conservam todas as suas tradições e a antropologia de costumes tribais, misturadas numa necessidade de consumo, sem nenhum preparo. Por isso, diz Padre Carlos, “eles estão vulneráveis, porque parte da liderança tenta acompanhar a modernidade e o restante da aldeia os seus costumes ainda primitivos”. Pelo campo de pouso da Comara, entre os aviões e helicópteros das Forças Armadas, que cuidam da demarcação dessa área indígena, passam 10 índias nuas, carregando um terçado e alguns indiozinhos com arco e flecha em direção aos igarapés para pegar caranguejo (alimento natural deles). Elas não se preocupam com os outros índios, que preferem consumir enlatados, comprados em São Gabriel da Cachoeira.

Esse consumo leva ao óleo, sal, macarrão, sardinha em lata, que são vendidos nos pequenos comércios dos *tuxauas* das duas aldeias. A comunidade anda confusa, sem saber o que acontece: vê uma pajelança num índio doente por dois ou três dias e, ao lado, um rádio no último volume, com quatro ou seis indiazinhas adolescentes tentando aprender a dançar o forró.

O impacto cultural, econômico e social é impressionante. É previsível uma índia *amigada* com um garimpeiro, com um filho na barriga, esperando o bebê nascer para matá-lo, porque a tradição não admite um pai que não seja yanomami. E os conflitos devem se acentuar: só numa aldeia contamos 18 armas curtas, 50 armas de fogo, espingardas calibre 20 e revólveres 38 (ainda que sem munições) para se defenderem de garimpeiros ou mineradoras numa possível invasão. Quando a Comissão de Limites de Fronteira estava demarcando em Maturacá, pousou um pequeno avião da FAB levando mantimentos. Provocou uma situação de pânico. Os índios, simplesmente, cercaram a tripulação armados de espingardas, arco e flechas, pintados de preto. O capitão disse que era da Aeronáutica e eles responderam: “É mentira. O pessoal da Comara usa uniforme azul. Você é de *empresa* e veio roubar nosso ouro.” Em determinado momento, até a equipe MANCHETE foi confundida com o pessoal das mineradoras. Os índios estão altamente desconfiados com qualquer um que chegue lá. Embora procurem os garimpeiros, para adquirir espingardas e munição.

O garimpo do ouro de Maturacá deixa os Yanomamis muito alerta e precavidos. Em contrapartida, têm procurado um aprendizado mais racional através do garimpeiro, mas com mineradoras — dizem — *nem pensar*: “Isso tudo é nosso. A *empresa* extrai quase tudo, só deixa migalha. O garimpeiro também faz isso, mas leva um quilo e dá muitos gramas para nós, além de mantimentos. E é mais fácil de fiscalizar”, diz o *tuxaua* Daniel. Em uma reunião indígena, em Maturacá, perguntaram: “*Como se faz uma empresa?*” Resposta: “Um grupo de pessoas faz um documento dizendo o tipo de extrativismo que quer fazer, o registro de quanto sai e entra do produto, quanto ganha, que tipo de coordenação — formando uma cooperativa.” “*E nós podemos fazer isso?*”,

perguntou um índio. Fez-se silêncio! Muitos acreditam que não teriam capacidade empresarial.

Mas a exploração mineral indígena já é possível em Pari-Cachoeira, pioneira como cooperativa. Dirigida por um administrador designado pela diretoria da Associação da Comunidade de Pari-Cachoeira, tem Alfredo Neves e Claudio Lemos respondendo temporariamente pelo presidente Ovídio Marinho. Mas os chefes indígenas assessoram o trabalho diretamente. Quem incentivou essa cooperativa foi uma freira salesiana, em 1970, logo que a associação começou a funcionar. Automaticamente, todo habitante da comunidade é um associado, podendo ir livremente trabalhar no garimpo manual o tempo que quiser. Extrai, paga um grama para a cooperativa; o que conseguir além disso é dele, e vende para quem quiser. Pedro Machado, responsável pela Funai em São Gabriel da Cachoeira, nativo de Pari-Cachoeira, diz: “Na nossa área não existe mineradora. Só uma, que é vizinha. Como não temos estrutura técnica, abriremos canais de comunicação, para futuramente negociarmos aquisição de tecnologia.” O grosso da comunidade quer permanecer no seu *habitat*, com capacidade e conhecimento para preparar um número grande de indiozinhos tuanos. Tal qual os garotinhos yanomamis de Maturacá.

Estes índios chegarão ao ano 2000? Acredita-se, no Calha Norte, que as fronteiras brasileiras estarão colonizadas, o ecossistema amazônico preservado, a organização social expandida. Pelo menos isso é o que querem. Um fecho de ouro. Mas resta a dúvida, exposta em entrevista coletiva, semana passada, na capital de Roraima: naquela ocasião, o secretário-geral do Ministério da Justiça, Fernando Eichenberg, disse: “Pelo fato de a Amazônia ser uma área bastante cobiçada, os organismos internacionais, como o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e o Banco Mundial, que atendem aqui a maioria das obras, não financiarão mais projetos, caso não sejam organizadas as áreas de garimpo.” Enquanto isso, o ouro (NCz\$/g lingote de 250g) foi cotado, na última semana, a NCz\$ 16,75.